

**TRADUÇÃO E TECNOLOGIA:
A LINGÜÍSTICA DE CORPUS COMO FERRAMENTA
PARA ESTUDO DO ESTILO DO TRADUTOR**

Felipe Barbosa de Aguiar (UERJ)
felipeaguiar2002@yahoo.com.br

1. Introdução

Em um mundo globalizado, onde a informação pode ir de um extremo a outro do planeta, a tradução desempenha um papel fundamental no processo de comunicação. Seus aspectos diversos têm sido alvo de estudos em várias áreas do conhecimento.

Nos últimos anos, em especial, os Estudos de Tradução têm se mostrado ainda mais interdisciplinares, pois vêm reforçando o seu caráter linguístico e comunicativo, cuja abordagem passou a ser a relação funcional entre o texto de partida e o texto de chegada.

Os estudos de Mona Baker (1993, 2000) foram pioneiros a focarem nesta relação funcional entre os textos de partida e chegada. Antes de haver o surgimento dos primeiros estudos que trataram a tradução como fenômeno empírico, estudos anteriores, mesmo sem às vezes o desejar, desvalorizavam a tradução e rotulavam-na como atividade de segunda classe.

Segundo Baker (1993, p. 236):

O objetivo implícito em todos os estudos de tradução nunca foi estabelecer o que a tradução é em si mesma, como fenômeno, mas determinar o que uma tradução ideal, por exemplo, deveria se esforçar a ser, com o objetivo de minimizar sua inevitável distorção da mensagem, do espírito e da elegância do original.

Em outras palavras, o texto traduzido valeria na medida em que tivesse ‘equivalência’ ao texto de partida, sendo, via de regra, um objeto imperfeito.

A tradução, por muitas vezes, foi deixada de lado nos estudos da linguagem, (inclusive da linguística de *corpus*), com a alegação de que os textos traduzidos não seriam representativos da língua de chegada propriamente dita (BAKER, 1993). Porém, a disciplina “Estudos de Tradução” se estabeleceu inicialmente no meio acadêmico como campo de es-

tudo, e com a ajuda principalmente da Linguística de Corpus, se tornou uma disciplina de fato.

Com vistas à extensão do conceito de equivalência, passou-se a analisar não só o texto original como modelo, mas também a língua-alvo e suas estruturas. De acordo com Haas (1968), duas expressões seriam equivalentes quando há uma correspondência entre seus usos. Esta mudança para a perspectiva situacional foi de profunda importância, pois deu suporte aos estudos descritivos da tradução, em especial os estudos baseados em corpus.

A partir da década de 70, entretanto, vários estudiosos começaram a perceber a falta que os estudos descritivos faziam para que os estudos de tradução se estabelecessem plenamente. Segundo Toury (1980), tal disciplina deveria criar uma metodologia de pesquisa para que seus achados pudessem ser generalizados e passíveis de repetição em outros corpora diferentes.

Segundo Baker (2000, p. 244),

Os estudos de tradução herdaram, essencialmente, de ambas as disciplinas - literatura e linguística, a associação de estilo como escrita 'original'. (...) A implicação é que um tradutor não pode ter, na verdade, não deveria ter, um estilo próprio, sendo o trabalho de tradução simplesmente reproduzir o mais próximo possível o estilo do texto original.

Entretanto, será que o tradutor desaparece, sem deixar traços textuais, depois que seu trabalho acaba? Será que as escolhas tradutórias afetam o texto final de alguma forma?

De acordo com Hermans (1996, p. 9), “aquela outra voz [entenda-se, a voz do tradutor] está presente no próprio texto, em cada palavra do mesmo”. Ainda, segundo Baker, o conceito de estilo do tradutor é expresso pela definição de que a marca do tradutor é a “impressão digital que é expressa em termos de características linguísticas” (2000, p. 245). Seguindo este conceito, pode-se argumentar que o tradutor pode se expressar de algumas maneiras no texto traduzido, seja pelos hábitos linguísticos ou por preferências padronizadas. Seriam, então, essas preferências do tradutor por padrões específicos, independentes daquelas do autor/texto original? Podem ser atribuídas a algum fator social, cultural ou ideológico pertinente ao tradutor?

Como Baker (2000) afirma, os estudos de tradução se limitavam a tal, enquanto que uma abordagem na qual o estilo do tradutor fosse investigado por meio de padrões era muito pouco utilizada. Tal abordagem

parte da premissa que o estilo envolve padrões recorrentes de comportamento linguístico, em vez de intervenções individuais do tradutor. Portanto, para que tal estudo seja efetivo, é preciso contar com o auxílio de grandes quantidades de dados e de ferramentas de análise dos textos, como o que temos hoje à nossa disposição. Poucos estudos têm sido feitos a partir dessa metodologia. Baker (2000, p. 258) ainda declara que “identificar hábitos e estilos linguísticos não é um fim em si mesmo: só é válido se isso nos diz algo a respeito do posicionamento cultural e ideológico do tradutor.” E, num texto traduzido, é difícil decidirmos a quem ou a que atribuir tal posicionamento. Se ao autor original, à língua original ou ao tradutor. Ao analista cabe, portanto achar um caminho para desatar este nó.

Quanto ao Campo, no sentido da gramática funcional hallidayana, ou seja, ao objetivo social e assunto do texto, assume-se que o tradutor não interfira no texto. Em tese, quando traduz, o tradutor não muda o tópico, ou o propósito do texto. Porém, a *persona* do tradutor pode aparecer como um avaliador diferente, que dá peso maior ou menor a fatos e eventos, e cuja fala pode assumir características ora semelhantes ora diversas das do texto original. Em outras palavras, dentro da função interpessoal, as relações entre o tradutor e seu leitor podem se apresentar de forma diferente daquelas estabelecidas pelo autor do texto original e seu leitor.

Este trabalho, portanto, objetiva investigar possíveis marcas de posicionamento intersubjetivo no texto traduzido que pertençam ao tradutor e não ao autor original. O propósito é analisar como o tradutor lida com avaliações de necessidade, previsão ou possibilidade e a sua transformação no par inglês-português. As perguntas de pesquisa, considerando este texto e sua tradução para o português são:

- a) Será que os modais traduzidos se atêm ao sentido original do texto de partida?
- b) Em caso negativo, de que forma são traduzidos os verbos modais?
- c) Como essa tradução pode afetar a percepção dos leitores e o possível posicionamento original do autor no texto original?

2. Revisão da literatura

Para poder analisar mais facilmente como a persona do tradutor pode aparecer no texto, dando peso maior ou menor que o autor do texto original, avaliando como certos, os fatos incertos do mesmo texto de partida, um dos fenômenos linguísticos mais indicativos é a modalidade com seus sinais específicos.

Modalidade, segundo Frawley (2007, p. 1), pode ser entendida em um âmbito maior como “referência a qualquer tipo de modificação pelo falante do estado de acontecimentos, até mesmo incluindo dimensões como tempo e aspecto verbal”. Através da modalização, o autor define sua adesão ao texto, possibilitando ao leitor conhecer sua atitude em relação ao que está sendo dito.

O principal modo de realização da modalidade em língua inglesa é o uso de verbos modais. De acordo com BIBER et alii (1999), os verbos modais são: ‘can’, ‘could’, ‘may’, ‘might’, ‘shall’, ‘should’, ‘will’, ‘would’ e ‘must’. Estes têm características específicas, como serem formas invariáveis e serem seguidos por um verbo na forma infinitiva sem o ‘to’ (*bare infinitives*). Esses verbos têm sido alvo da atenção de estudiosos (ver PALMER, 2001), pois são dotados de uma grande complexidade semântica.

Existe uma categorização bastante difundida dos modais: a classificação que divide os modais entre eixo epistêmico e eixo deôntico (Biber et alii, 1999). A modalidade no eixo epistêmico avalia o valor de verdade de uma proposição ou o potencial de ocorrência de um evento. Tal avaliação geralmente é feita pelo autor da sentença, e indica a chance da proposição ser aplicada ao mundo. A modalidade epistêmica se refere ao estado lógico dos eventos ou estados, geralmente se referindo a avaliações de possibilidade: necessidade, previsão ou possibilidade. Na sua estrutura, geralmente acompanham um sujeito que se refere a um ser inanimado, e/ou acompanha verbos de estado, ou seja, verbos que descrevem o estado de ser das coisas.

Já a modalidade no eixo deôntico interfere no evento, estabelecendo obrigações ou dando permissão a alguém. Como Frawley (1997) propõe, a modalidade deôntica é definida geralmente em termos de obrigações e permissões, mas deve se estender também à indicação do grau de conveniência moral expresso na frase. Tipicamente, essa expressão recai sobre o falante, mas nem sempre, já que o falante pode reportar a avaliação de outros. Ela se refere a ações e eventos que humanos (ou ou-

tros agentes) controlam diretamente: sentidos relacionados a permissão, obrigação e volição (ou intenção). Na estrutura, os modais deônticos da língua inglesa normalmente tem um sujeito que se refere a um ser humano como agente do verbo principal, e é acompanhado de um verbo dinâmico.

De acordo com Biber et alii (1999), os modais podem ser divididos em três grandes categorias de significado. Dentro destas categorias, cada modal tem dois sentidos, um no eixo epistêmico e outro no eixo deôntico. A primeira é permissão / possibilidade / habilidade. Dentro dessa, se encaixam os verbos modais ‘can’, ‘could’, ‘may’ e ‘might’. A segunda categoria é obrigação / necessidade. Dentro dessa, se encaixam os verbos ‘must’, ‘should’, ‘(had) better’, ‘have (got) to’, ‘need to’, ‘ought to’ e ‘be supposed to’. A terceira categoria é a volição / predição. Dentro dessa, se encaixam os verbos ‘will’, ‘would’, ‘shall’ e ‘be going to’.

No quadro sinótico abaixo, resumo para cada modal, sua função e sua possível tradução para a língua portuguesa.

Modal	Função/ões	Tradução possível
Should	Obrigação; Necessidade Lógica; Condição experimental em orações condicionais.	Dever (Deveria e Devia, na maioria dos casos)
Must	Obrigação; Compulsão; Necessidade Lógica; Proibição (Forma Negativa)	Dever (deve, na maioria dos casos)
Ought to	Obrigação; Necessidade Lógica (menos categórico que o <i>must</i>)	Dever

Tabela 1: Modais e Respektivas Traduções¹

3. Metodologia

Nesta parte do trabalho, detalho o tipo e o objeto de pesquisa, bem como as ferramentas de coleta de dados, seus procedimentos e o modelo teórico utilizado para a análise.

¹ As traduções possíveis foram retiradas do site <http://www.linguateca.pt/COMPARA>

3.1. Natureza da pesquisa

Esta pesquisa é de natureza qualitativa. Diferentemente dos estudos quantitativos, este estudo dá validade à riqueza, realidade e profundidade dos dados. A investigação é um estudo de caso, pois há apenas um objeto de pesquisa: uma única obra de um único autor e um único tradutor. Um estudo de caso trata da investigação de um exemplo singular no contexto em que ele ocorre, e revela fenômenos muito particulares, que mostram dados únicos e abrem caminho para pesquisas futuras.

3.2. Descrição dos dados

Os corpora de análise são compostos pelo principal volume da coleção de livros “As Crônicas de Nárnia”, de C. S. Lewis – *O Leão, A Feiticeira e o Guarda-Roupa (The Lion, the Witch and the Wardrobe)*, escrito por C.S. Lewis para o público infanto-juvenil.

Em 1949, Clives Staples Lewis escreveu *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa*, contendo jornadas a um mundo desconhecido, criaturas fantásticas e batalhas épicas. Mas ele não parou por aí, e mais seis outros livros foram escritos, e juntos se tornaram o que ficou conhecido como “As Crônicas de Nárnia”. Estes livros transcenderam o gênero da fantasia, e se tornaram parte do cânon de literatura clássica, fascinando gerações de leitores de todas as idades.

O livro analisado neste estudo foi o primeiro a ser escrito, e conta a história de quatro crianças (Lúcia, Edmundo, Susana e Pedro) que, são levadas para uma temporada na casa de um tio. Chegando lá, descobrem uma passagem para o mundo de Nárnia (o Guarda-Roupa), onde eram esperados com expectativas. Neste mundo, conhecem Aslan, o personagem principal presente em toda a série, um leão doce e amável, mas também forte e imponente. Sua figura é frequentemente associada com a figura do Deus cristão, e também com Jesus Cristo. Juntamente com as quatro crianças (depois coroadas reis e rainhas de Nárnia), Aslan enfrenta e derrota a Feiticeira Branca, tipificação do mal na história, e acaba com um longo período de inverno e tristeza em Nárnia.

3.3. Coleta e procedimento para análise dos dados

Os textos foram coletados já digitalizados, em suas versões em inglês (texto original), e sua tradução em português (feita por Paulo

Mendes Campos), e a partir destes textos digitalizados foi criado um corpus paralelo, contendo ambos. Um corpus paralelo é aquele que contém duas versões do mesmo texto, uma na língua de partida outra na língua de chegada. Com a ajuda de um programa de computador, podemos colocar os textos lado a lado, separados por sentenças. Com isso, podemos analisar as duas versões ao mesmo tempo, comparando-as.

Para que o corpus de análise fosse criado, utilizamos um software disponibilizado pelo Centro de Pesquisa, Recursos e Informação em Linguagem (CEPRIL), da PUC-SP. Aos textos foram inseridos marcadores a cada quebra de segmento (final de sentenças e final de parágrafos) com o objetivo de indicar ao software as divisões nos textos. Após as devidas marcações, os textos foram submetidos ao software, um por vez, e o mesmo se encarrega de fazer o alinhamento.

Os dados, já alinhados, são processados através do *software* WordSmithTools (SCOTT, 1999) Uma busca dos modais é feita no texto em inglês. Após a busca, é feita uma coleta individual da tradução de cada um deles, em busca de possíveis padrões. Depois de feita a coleta, os dados são analisados para se descobrir se há um posicionamento do tradutor que se diferencie do original.

Durante a pesquisa, os dados revelaram que os verbos ‘*must*’ e ‘*should*’ apresentariam resultados mais relevantes para a pesquisa, visto que a tradução destes demonstraria um possível posicionamento diferenciado do tradutor em relação ao autor original.

Como exemplo, destacamos a seguir uma sentença contendo um modal e a sua respectiva tradução:

It must have been hours later when she shook herself and said:	Passaram-se horas talvez, até que ela deu por si e exclamou, sobressaltada:
---	---

Já neste exemplo preliminar podemos notar uma discrepância na tradução do modal *must*, que no original dá ideia nítida de imprecisão (é epistêmico), e na tradução se materializa através de uma asserção, sem qualquer tipo de dúvida, pouco atenuada por um adjunto adverbial.

Entre os vários modelos teóricos disponíveis para analisar o fenômeno em questão, escolheu-se a teoria da valoração (*Appraisal*), de Martin, que busca sistematizar as marcas deixadas pelo autor ou escritor no texto, implícita ou explicitamente, no que diz respeito aos juízos que faz sobre as pessoas, enunciados ou acontecimentos, entre outros.

Martin (2004 *apud* SOUZA, 2006, p. 45) apresenta o modelo abaixo exposto, subdividido em três subsistemas: comprometimento, atitude e gradação. A atitude é utilizada para avaliar os enunciados que possuem uma visão positiva ou negativa de pessoas, situações ou coisas.

A gradação trata do grau de impacto ou força que o enunciador emprega em sua fala, numa escala de variação que vai de baixa a alta intensidade.

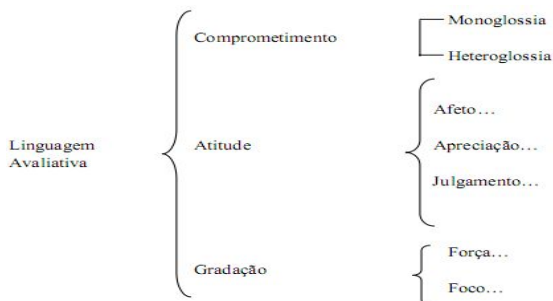


Fig. 1 – Diagrama geral da teoria da linguagem avaliativa (SOUZA, 2006, p. 45)

Para este estudo, foi considerado como foco o subsistema do comprometimento (*apud* SOUZA, 2006, p. 47), também chamado subsistema de Engajamento. Este subsistema se detém no estudo do posicionamento dialogístico dos enunciados, ou seja, a referência, explícita ou implícita a enunciados anteriores, em forma de reutilização ou de resposta. Este subsistema se mostrou o mais adequado para analisar a modalidade, visto que está diretamente relacionado ao investimento pessoal que o enunciador faz em seus enunciados.

Este subsistema se divide ainda em duas categorias: monoglossia e heteroglossia. A monoglossia se trata do uso de afirmações simples, nas quais o autor faz uso de uma “voz única”, não reconhecendo alternativas dialógicas. Na heteroglossia, o enunciador faz uso do caráter dialogístico da comunicação, referindo-se a outras vozes de modo implícito ou explícito. Há ainda, dentro do subsistema, a possibilidade de haver ‘contração dialógica’ (quando os recursos empregados ajudam a tornar o texto fechado a posições diversas) ou ‘expansão dialógica’ (quando o texto se abre a tais alternativas). Esses recursos são operacionalizados através de várias categorias demonstradas no quadro a seguir.

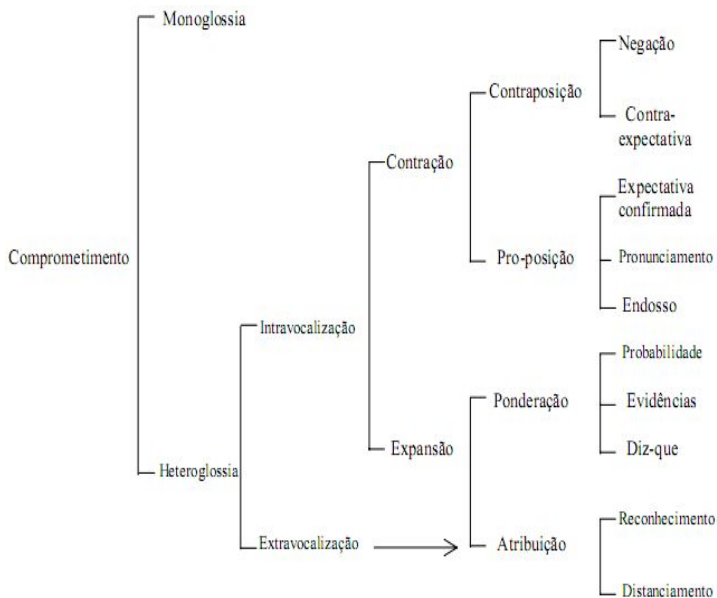


Fig. 2 – O subsistema do comprometimento (SOUZA, 2006, p. 47)

4. Análise e resultados

O objetivo geral deste estudo é investigar o posicionamento do tradutor através da tradução de modais. A partir da análise de um texto original e o seu equivalente traduzido, buscam-se pistas que revelem um posicionamento no texto traduzido que se diferencie do posicionamento original do autor, e através destes dados descobrir se esta mudança acarreta uma leitura diferente do que a porventura pretendida pelo escritor do original

A partir dos pressupostos expostos acima, retiraram-se do corpus as ocorrências dos verbos ‘*must*’ e ‘*should*’ onde houvesse uma mudança no modo como o comprometimento foi feito, por parte do tradutor. O modal *must* ocorre 44 vezes no corpus, e *should* ocorre 18 vezes. Das 44 ocorrências do modal *must*, 23 são traduzidas sem mudança no modo de realização do comprometimento, e das 18 ocorrências do modal *should*, 15 são traduzidas também sem alterações.

Já as outras ocorrências atestam que há um padrão de tradução do modal *must* para a asserção categórica, ou seja, uma mudança de hetero-

glossia para monoglossia, ocorrendo 18 vezes, que fica clara nos exemplos dados abaixo:

Exemplo 1:

<p>“Thank goodness,” said Edmund, “the door must have swung open of its own accord.”</p>	<p>– Graças a Deus! A porta se abriu sozinha.</p>
---	---

Exemplo 2:

<p>So things must be drawing near their end now he’s come and you’ve come.</p>	<p>Por isso, agora que ele já chegou, e que vocês também chegaram, tudo se enca-minha para o fim.</p>
---	---

Os outros 3 exemplos também apresentam uma contração dialógica, mas não tão extrema quanto as antes apresentadas, sendo uma alteração de evidências para probabilidade, e as outras, respectivamente, de Diz-que e probabilidade para pronunciamento.

Já no modal *should* não foram encontrados grandes problemas de tradução na maioria dos casos (15 dos 18). Há uma ocorrência de mudança de contraexpectativa para uma asserção categórica (3), uma mudança ocasionando perda de marcador de polidez (4), e uma ausência de tradução ocasionando perda da expectativa confirmada (5), respectivamente nos exemplos a seguir:

Exemplo 3:

<p>“Ah!” said Mr. Tumnus in a rather melancholy voice, “if only I had worked harder at geography when I was a little Faun, I should no doubt know all about those strange countries.</p>	<p>– Ah! – disse o Sr. Tumnus, numa voz um tanto melancólica – Se eu tivesse estudado mais geografia quando era um fauzozinho, saberia alguma coisa sobre esses países estrangeiros.</p>
--	--

Exemplo 4:

<p>“Excuse me—I don’t want to be inquisitive—but should I be right in thinking that you are a Daughter of Eve?”</p>	<p>Desculpe, não quero bancar o intrometido, mas você é uma Fi-lha de Eva?</p>
---	--

Exemplo 5:

<p>“She’s not being silly at all,” said Peter, “she’s just making up a story for fun, aren’t you, Lu? And why shouldn’t she?” idem</p>	<p>– Ela não está bancando a boboca – disse Pedro. – Está imaginando uma história para se divertir, não é, Lúcia?</p>
--	---

5. Conclusão e encaminhamentos

Através da análise do caráter dialógico do texto, pudemos perceber mudanças ocasionadas pela tradução. Nesses casos, encontramos um padrão de interferência do tradutor no texto, que pode ser entendido da seguinte maneira:

Para o modal *must*, o tradutor prefere transformar o modal de epistêmico para asserções categóricas, em um grande número de ocorrências. Nas demais, ainda nota-se uma mudança no mesmo sentido, de modo mais sutil, rumo à contração dialógica. Essa mudança não se atém a um personagem específico, caracterizando dessa forma uma idiosincrasia na tradução do referido modal em qualquer contexto.

Para o modal *should*, o tradutor traduz sem mudanças no comprometimento a grande maioria dos casos, sendo que em 3 ocorrências há mudanças que seguem o mesmo caminho na direção da contração dialógica, ainda que menos aparentes e mais sutis.

Voltando às perguntas de pesquisa, podemos responder negativamente à pergunta de que os modais traduzidos estudados se atêm ao sentido original do texto de partida. Nos casos analisados, a tradução se afasta, em graus diferentes, do sentido original do texto. Dessa, forma, respondemos também à segunda pergunta, indicando de que forma os verbos modais são traduzidos, através da teoria da linguagem avaliativa.

A conclusão a que se pode chegar, depois de analisadas tais ocorrências é que o tradutor tende a transformar os casos epistêmicos dos modais citados acima em asserções categóricas, e quando não chega a tal, caminha em direção a isso, de maneira mais sutil.

Por fim, o escopo deste trabalho – a análise de tão somente dois modais – não nos permite fazer uma generalização sobre uma possível persona do tradutor. Com um trabalho mais detalhado que inclua os livros restantes da coleção e, talvez, expressões modalizadoras, poderemos nos aproximar de uma generalização. Entretanto, já podemos perceber que o tradutor estabelece padrões de comportamento linguístico, aos quais, poderíamos chamar de idiosincráticos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIBER, D. et alii. *Longman grammar of spoken and written English*. Londres: Longman, 1999.

BAKER, Mona. *Corpus Linguistics and Translation Studies. Text and Technology*. Philadelphia: John Benjamins, p. 233-250, 1993.

_____. Investigating the Style of a Literary Translator. *TARGET*. Cambridge: John Benjamins, v. 12:2, p. 241-266, 2000.

FRAWLEY, W. *The Expression of Modality*. Berlin: Walter de Gruyter, 2006.

HAAS, W. The theory of Translation. *The theory of meaning*. Oxford: Oxford University Press, 1968, p. 86-108.

HERMANS, T. *Translation's Other*. Inaugural Lecture Delivered at University College London on 19 March 1996. [Unpublished Manuscript], 1996.

PALMER, F.R. *Mood and Modality*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

QUIRK, R. et alii. *A Grammar of Comporary English*. Londres: Longman, 1985.

SCOTT, M. *WordSmith Tools version 3*. Oxford: Oxford University Press. 1999.

SOUZA, L. *O modelo de linguagem avaliativa (Appraisal Framework) como ferramenta para a análise descritiva do texto traduzido*. Universidade Federal de Santa Catarina. Santa Catarina: UFSC. 2006.

TOURY, G. *In search of a theory of translation*. Tel Aviv: The Porter Institute for Poetics and Semiotics, 1980.

WHITE, P. *Appraisal Homepage*. <http://www.grammatics.com/appraisal>. Acesso em: 06-2011.

WINTERS, Marion. Modal particles explained – How modal particles creep into translations and reveal translators' styles. *TARGET*. Cambridge: John Benjamins Target, v. 21, n. 1, p. 74-97, 2009.

WINTERS, Marion. From modal particles to point of view – A theoretical framework for the analysis of translator attitude. *Translation and Interpreting Studies*. Philadelphia: John Benjamins, v. 5, n. 2, p. 163-185, 2010.